

A arte dos jingles na página 2

Tribuna BIS

Festival de Canto está chegando na página 4

Rio de Janeiro, Terça, 06 de junho de 1989

PSAROPH8

Tribuna da Imprensa

Não pode ser vendido separadamente

O vazio da nossa natureza

Maurício Nolasco (texto & fotos) de Porto Alegre

Qual foi a repercussão internacional das medidas do Programa Nossa natureza anunciadas pelo presidente Sarney há 2 meses?

- Pois, foi quase de risada. O Sarney não tem mais a mínima credibilidade. As reações que eu vi foram quase de humor. Simplesmente, não se levou a sério.

E como o senhor vê o plano? Em sua opinião, o programa é destinado a convencer o Bird a financiar novos empréstimos que permitam a continuidade da devastação ecológica que ocorre na Amazônia?

- A reação histórica do nosso governo e, em parte, dos nossos militares, para mim, só demonstra uma coisa: eles estão apavorados com a possibilidade de ter que cessar um pouco o saque que estão fazendo na Amazônia. O que está acontecendo, hoje, na Amazônia, é uma guerra de rapina. Se a Amazônia estivesse apenas nas mãos dos amazônidas, o que sobra dos índios, dos caboclos, dos seringueiros e da reduzida população urbana, seria uma região muito pouco devastada. A Amazônia está sendo destruída por forças externas a ela, por uma coligação de forças do Sul e do Centro industrial do Nordeste, aliadas à tecnocracia multinacional. Quando esse desgoverno que nós temos fala, agora, em "internacionalização da Amazônia", parece que está surgindo a existência de uma conspiração sinistra do I Mundo para travar nosso desenvolvimento. Isso não passa de uma chantagem emocional, nacionalista. Ninguém está querendo tomar conta da Amazônia. Ou melhor, a pressão que eles estão sentindo é a nossa própria pressão.

Como surgiu o termo "internacionalização da Amazônia"?

- Isso é uma invenção desse desgoverno. Como eu disse, é uma chantagem emocional. Eu nunca - e nesses últimos 15 anos, tenho estado na Europa e nos Estados Unidos - ouvi essa expressão lá fora. A verdadeira internacionalização já aconteceu. Vejamos um fato concreto que foi um dos que desencadeou minha luta contra a devastação da Amazônia. Em 1975, a Volkswagen resolve criar gado na Amazônia. Mete a mão em 500 mil hectares, em Rio Cristalino, no sul do Pará, e derruba 200 mil para semear pasto e colocar o boi, constrói frigorífico e dos 300 mil hectares restantes, retira o mogno da floresta para exportação. De início, fazem todo um farol de que iriam praticar uma pecuária supermoderna. Na época, a Associação Gaúcha de Proteção ao Meio Ambiente e a Ação Democrática Feminina, juntos, brigamos com o então presidente da Volkswagen do Brasil, Sr. Sauer, por causa da depredação que estavam fazendo. O interessante é que exatamente depois de 10 anos, a Volkswagen vende o negócio. E por quê? Por que uma fábrica de automóveis que nada tinha a ver com boi constituiu um tipo de fazenda como aquela, com toda a depredação que se fez e depois de 10 anos abandonou tudo? E porque a Sudam (Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia), um órgão desse desgoverno - não sei baseada em que filosofia patológica -, resolveu conceder vantagens fiscais para esse tipo de empreendimento. No que eles chamam de "Amazônia Legal", que inclui muito mais do que a floresta tropical úmida, concedem incentivos fiscais, mais isenção de impostos, por 10 anos. Então para a Volkswagen aquela fazenda saiu de graça. Foi um presente que nosso desgoverno deu para eles e que nós brasileiros, que pagamos impostos, sofrendo essa inflação indecente e obscena, pagamos. Quanto imposto da própria fábrica eles não teriam ali descarregado? Agora, o empresário que comprou recomeça toda a história. Então, o que é isto? Isto é saque. É pilhagem. Nosso desgoverno está entregando a Amazônia. E não interessa ao caboclo, ao índio, ao amazônida em geral, se ele está entregando a uma multinacional ou a um brasileiro corrupto qualquer.

O que acarretam essas fazendas agropecuárias à Amazônia?

- Essas fazendas na Amazônia são a coisa mais absurda, mais imbecil, mais indecente e mais criminosa que se pode fazer por lá. E nosso desgoverno ainda promove essa coisa. Que eu saiba, esses incentivos ainda continuam. Se derruba a floresta intacta para fazer pasto, o que significa o fim do índio e a marginalização do caboclo e do seringueiro. A produtividade dessas fazendas é ridiculamente baixa. Não passa de 40/50 quilos de carne por ano. A floresta em pé produziria muito mais alimento. Cada uma das castanheiras produzia 400/500 quilos de fruto por ano, um alimento precioso que o índio e o caboclo sabem aproveitar muito bem. Essas fazendas nem emprego dão. E um peão ou um vaqueiro para cada 400 ou 500 mil hectares. E nesse espaço pode viver toda uma aldeia de seringueiros.

E carne para exportação...

- Pois é, a carne nem é para alimentar a população local. E por isso que o Chico Mendes dizia: "Onde vai o boi, nós temos que ir embora, porque aí vem a fome". Essas fazendas só sobrevivem com o incentivo fiscal. Sem ele não haveria nenhuma delas. Ninguém iria derrubar a floresta para colocar boi. É a coisa mais absurda do mundo. Aí, repousa o crime que este desgoverno cometeu durante duas décadas. Está-se destruindo a floresta Amazônica, que é uma das coisas mais fabulosas que a vida neste planeta já produziu, para atender a amigos nacionais e internacionais do governo. A pecuarização na Amazônia é um dos maiores crimes já cometidos neste País.

O senhor considera que os bancos que financiam os programas de ocupação da Amazônia têm uma visão clara da situação atual? Qual é a política deles nesse sentido?

- Até recentemente eles também não tinham uma visão clara nesse sentido. O interesse deles é fazer circular certas quantidades de dinheiro através de países como o nosso. Eles vivem disso. E se hoje o próprio Banco Mundial mudou de atitude, não é porque ele esteja bonzinho agora. É pela pressão que está sofrendo da opinião pública norte-americana. E a opinião pública está respondendo aos apelos e às informações que recebe do mo-

Ganhador do "Prêmio Nobel Alternativo" de 1988, ("The Right Livelihood Award"), o ecologista José Antônio Lutzenberger, de 64 anos, não dispensa críticas ao processo pelo qual as autoridades brasileiras têm conduzido a devastação ecológica na Amazônia. Incansável e imbatível na luta pela preservação daquele ecossistema, foi o grande responsável pela conscientização dos movimentos ambientalistas europeu e americano sobre a causa. Nesta entrevista, o cientista define o que é a verdadeira "Internacionalização da Amazônia", e avalia: "a pressão que o nosso governo está sentindo é a nossa própria pressão". Para Lutzenberger todo o

reclame do governo não passa de "uma chantagem emocional, nacionalista", porque, na verdade, diz: "ninguém está querendo tomar conta da Amazônia".

Aos 64 anos, o ecologista brasileiro reconhece que a Amazônia está sendo destruída por forças nacionais aliadas a tecnocracia multinacional, através de um sistema de alta subvenção concedido pelo Governo Federal. Nesta semana, dedicada ao meio-ambiente, vale refletir sobre as opiniões de Lutzenberger acerca da pecuarização naquela região, dos projetos siderúrgicos lá implantados e de muitas outras questões ligadas à política desenvolvida no norte do país.

Grande do Sul, ou um industrial que vai para a Amazônia às custas do incentivo fiscal, para fazer seja o que for, ele está num esquema de rapina. Ele quer enriquecer às custas do ambiente e deste sistema fiscal absurdo e indecente. Então, esta pergunta deixamos que os amazônidas a façam. O Chico Mendes não fazia esta pergunta, pois explorava a floresta de maneira perfeitamente racional e sustentável.

Mas, afinal, como o senhor vê as medidas do Plano Nossa Natureza?

- Para mim, o Programa Nossa Natureza é só para dar ao Banco Mundial e a outros a impressão de que alguma coisa está acontecendo, porque o que eles querem é novos créditos. O resto é conversa fiada. Quando o Banco Mundial trancou, há uns anos, a segunda metade de um empréstimo de 400 milhões de dólares para um projeto do pólo-noroeste, o governo - ainda anterior ao Sarney - veio com um relatório de que estava demarcando as terras indígenas e protegendo a natureza. Nós fomos até lá confirmar se a área que eles diziam estava demarcada. Pelo que vimos, estava somente no mapa. E vimos mais de 200 posseiros dentro das terras dos índios, sem nenhuma preocupação do governo em tirar essa gente de lá. Ao contrário, o pobre funcionário do Incri que lá estava era um soldadinho com o fuzil enferrujado, tremendo de medo de ser assassinado. E uma firma chamada Cometa já havia retirado das terras indígenas mais de 1 milhão de dólares em mogno. Nós filmamos tudo e mostramos em Washington, e foi por isso que o Banco Mundial aos poucos começou a se conscientizar.

O presidente se manifestou a favor da criação de um Conselho Superior do Meio Ambiente composto apenas por representantes do Ministério e convidados casuais...

- Já se vê a má intenção deles...

Para o senhor, o que significa essa política?

- Se eles tivessem real interesse em fazer uma política de meio ambiente séria, justa e honesta teriam que criar um órgão independente, fora do Executivo. De que adianta um órgão controlador do meio ambiente se ele está no Executivo? Um órgão desse tipo deveria ser independente do Executivo, com autonomia própria. Hoje, teria que estar no Legislativo ou, no mínimo, no Judiciário, mas dentro do Executivo não tem sentido.

O governo pretende esvaziar o poder de órgãos como a Sudam e a Sudepe, que sempre trabalharam através desses incentivos em projetos de ocupação. O que o senhor diria a respeito?

- Provavelmente, eles pretendem montar qualquer coisa pior.

Outra pretensão do governo é a de decretar um zoneamento ecológico-econômico, equivalente a uma área de 2.084.972, seis vezes o Estado do Sergipe. O que isto significa, sabendo-se que esta área se caracteriza por conflitos de terras e problemas agropecuários e minerários?

- Estou para ver este zoneamento.

Como deveria ser traçado um mapeamento ecológico para a Região Amazônica?

- Eu diria que nós deveríamos deixar a Amazônia para os amazônidas. A Amazônia tem dono. Ela não é terra de ninguém. O índio que lá esteve durante 30 mil anos sempre soube protegê-la e viver em harmonia com a natureza. Recentemente descobriu-se achados arqueológicos que levam à conclusão de que já houve gente nesse continente 300 mil anos atrás. A Amazônia não é terra vazia. Ela tem dono: os índios, os caboclos, os seringueiros e uma reduzida população urbana. Se a Amazônia fosse respeitada e se os seus verdadeiros donos também fossem, não estaria ameaçada. Por que não respeitar os Direitos Humanos na Amazônia? Haveria tempo, um século ou dois, e de lá para cá, tenho certeza, a Humanidade terá aprendido viver em harmonia com a natureza.

Mas porque era a borracha. E os recursos minerários? O senhor é contra a exploração? Eu só quero levantar a discussão. Os recursos tipo bauxita, caulim, e até mesmo o ouro que é bastante explorado. O que o senhor tem a dizer?

- O ouro é uma das coisas mais inúteis que a sociedade inventou. De nada serve. A pequena quantidade de ouro que se usa para fins realmente racionais, como na eletrônica, é tão mínima, que é irrelevante comentar.

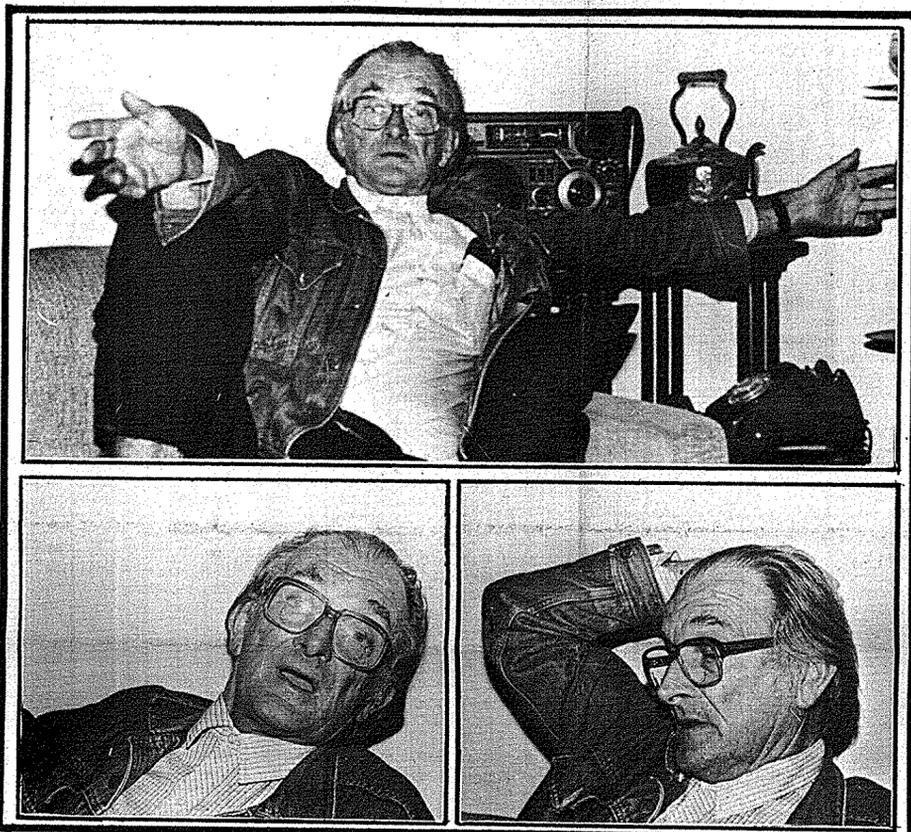
Está certo. E os outros recursos?

- A bauxita, por exemplo. Será que precisamos demolir montanhas como se faz para fazer latas de cerveja que depois vão direto para o lixo. Tem cabimento? Agora, sim, estamos tocando num aspecto mais fundamental. Precisamos questionar as doutrinas básicas da Moderna Sociedade Industrial. A Moderna Sociedade Industrial olha o Planeta e só vê montões de recursos que aí estão, para nosso gozo e que podemos explorar, esbanjar e avacalhar por qualquer capricho. É a nossa visão antropocêntrica. Nada tem a ver com ciência. É posição filosófica. Acharmos que somos a única espécie que tem direitos. Todas as demais espécies para nós são apenas recurso ou empilhão. Lixo. Quando o pecuarista na Amazônia derruba a floresta para fazer pasto, a floresta para ele é empilhão. Aquele cosmo de vida, todas aquelas maravilhosas espécies em interação multifacetada, ciberneticamente mais complicada do que tudo que a moderna técnica já conseguiu criar, para eles são lixo. Esquecemos que a Terra é um sistema vivo do qual somos apenas parte. Se continuarmos com as atuais atitudes, vamos demolir todos os sistemas de suporte de vida.

A floresta tropical úmida é o tipo mais complexo de todo o planeta. Cientificamente, como estamos para compreender um ecossistema como este, de características tão extraordinárias quanto a Floresta Amazônica?

- Há várias florestas lá. A mais importante é a floresta tropical úmida. Este tipo de floresta é o sistema vivo mais complexo de todo o Planeta e mais rico em espécies.

Aqueles que estão destruindo a Amazônia não conhecem nada sobre ela e não sabem quais serão as consequências dessa destruição. Ou aprendemos e nos damos conta de que a Terra é um organismo vivo, onde tudo tem sentido, onde tudo está ligado com tudo, e onde nós humanos não passamos, individualmente, de células, por assim dizer, de um de seus múltiplos tecidos, ou matamos este organismo e morremos com ele.



A construção de qualquer estrada na Amazônia traz consigo a devastação. Isso é inevitável na medida em que não temos governo e militares para defender o que precisa ser defendido.

vimento ambiental mundial. E essa pressão que nosso desgoverno está sentindo é a nossa própria pressão. Se, hoje, os governos do I Mundo, Margaret Thatcher, François Mitterrand, Helmut Kohl, o próprio Bush e, parece que até o governo japonês, estão expressando certa preocupação, é porque o movimento ambiental desses países respondeu às informações que nós levamos para lá e que depois eles mesmos conseguiram ampliar.

Sabe-se que a política econômica traçada pela produção agrícola brasileira está direcionada para o mercado asiático, inclusive com a criação da estrada que escoará a produção de grãos e de madeiras em tora pelo Oceano Pacífico, principalmente para o Japão. Esta é a razão da questão internacional da Amazônia e da sua devastação ecológica. Quais serão as consequências para a floresta com a construção dessa estrada?

- Esta estrada que eles querem fazer através do Estado do Acre até Porto de Caial no Peru tem uma finalidade muito clara. Isso também precisa ser dito para que os brasileiros se deem conta do que está acontecendo. Isso não tem nada a ver com desenvolvimento, tem a ver com a intenção clara e precisa desse desgoverno em exportar toras para o Japão. O Japão é o maior consumidor de madeiras tropicais. Já quase conseguiu devastar completamente a Malásia, a Indonésia, as Filipinas, e a Indochina. Aliás, do ponto de vista dos japoneses, isso é uma atitude suicida, pois está se destruindo o clima deles. Como estão se acabando as madeiras tropicais naquelas regiões e, inclusive na Nova Guiné, o Japão está interessado na madeira da Amazônia. E esse desgoverno está muito interessado em vender. Só vejo nisso um interesse de saque. A construção de qualquer estrada na Amazônia traz consigo a devastação. Essa é uma discussão que tivemos com o Banco Mundial. Isso é inevitável na medida em que não temos governo e militares para defender o que precisa ser defendido. A estrada não: ente vai incentivar a exportação como colocar a terra exposta à devastação. E nosso desgoverno não tem a mínima intenção de defender a Amazônia. Nunca teve. E, até agora, nunca demonstrou ter disposição para isto.

O que significa para a floresta a continuidade dos projetos siderúrgicos lá implantados através da utilização do carvão vegetal?

- Esse é outro desastre indescritível. O próprio Departamento do Tesouro dos Estados Unidos exigiu do Banco Mundial que pressionasse o governo brasileiro para parar com isso. Claro que esses caras vão dizer que é conspiração contra nosso progresso. Mas vejamos o que eles querem fazer: ao longo da estrada de ferro de Carajás a São Luís, eles querem construir 27 Usinas de Ferro Gusa. Já construíram umas 3 ou 4 que estão sendo ampliadas constantemente. Como ali não há petróleo, gás

mineral ou carvão mineral, resolveram movimentar essas usinas com carvão vegetal retirado da floresta nativa. Eu tenho em mãos um documento interno da Companhia Vale do Rio Doce, assinado pelo superintendente do Meio Ambiente, que confirma que isto é um grande absurdo. Mostra também que essas usinas não são nem mesmo econômicas, se não fosse a alta subvenção. E mesmo com toda a subvenção elas ainda seriam anti-econômicas se cumprissem a lei de reflorestamento. Em primeiro lugar, nem se sabe como reflorestar naquele clima e solo e, jamais, um reflorestamento seria uma reconstituição real da floresta. Seria apenas plantações de monoculturas. Nem essas firmas têm a intenção de reflorestar, nem esse desgoverno tem a mínima intenção de forçá-las a fazê-lo. Mais uma vez, nossos recursos estão sendo entregues de mão beijada. Essa é a verdadeira "internacionalização da Amazônia".

O senhor não é a favor de que se toque na floresta ou aceita a exploração racional?

- Mas é claro que nós podemos explorar racionalmente. Agora, essa indagação já é em si mesma imperialista. Aqueles que vivem da floresta puderam viver com ela, dela e sem acabar com ela. O seringueiro tira seu sustento da floresta sem acabar com ela, nem mesmo com a caça e muito menos o peixe. O índio sempre viveu sem agredir a natureza. Esse tipo de pergunta: "exploração racional da Amazônia", é feito por gente que não é de lá e que quer ir para multiplicar capital. Esta é uma pergunta imperialista.

Não seria ingenuidade ideológica imaginarmos que pudéssemos preservar a floresta de tal forma que o homem civilizado não penetrasse de nenhuma maneira? Minha pergunta se refere a tipos de exploração e de pesquisa e não expropriação que se tem feito à revelia...

O Brasil é um país de dimensões continentais. Temos 8 milhões e meio de quilômetros quadrados e isso dá mais ou menos 37 vezes o tamanho da Grã-Bretanha, da Alemanha Federal, ou mesmo, do Estado do Rio Grande do Sul. Tem os quase 140 milhões de habitantes, ou seja, um pouco mais do dobro que tem a Alemanha Federal. Será que nós, que estamos no Rio Grande do Sul, no Paraná, em Santa Catarina, em São Paulo e mesmo nos demais Estados temos a necessidade de ir para a Amazônia? Nós temos tanta coisa importante para fazer por aqui. O Rio Grande do Sul, que tem 280 mil quilômetros quadrados, e que é um pouco maior do que a Alemanha Federal, tem 8 milhões de habitantes e pelo menos 60% das suas terras inaproveitadas. Estamos esculhambando nosso solo, fazendo erosão e destruindo nossos rios. Se nós nos dedicássemos aos nossos próprios problemas teríamos trabalho para muitas gerações. Um fazendeiro do Paraná, ou mesmo daqui do Rio